REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

A VIOLÊNCIA DA LINGUAGEM PROFÉTICA: POESIA, RUPTURA E DENÚNCIA NOS ORÁCULOS DE AMÓS

THE VIOLENCE OF PROPHETIC LANGUAGE: POETRY, RUPTURE, AND DENUNCIATION IN THE ORACLES OF AMOS

LA VIOLENCIA DEL LENGUAJE PROFÉTICO: POESÍA, RUPTURA Y DENUNCIA EN LOS ORÁCULOS DE AMÓS

FABIANO PEDROSO
Mestrando em Teologia na Faculdades EST, Brasil
E-mail: fabiano.pedroso@gmail.com

CHARLES KLEMZ
Doutor em Teologia pelas Faculdades EST, Brasil
E-mail: charles@est.edu.br

RESUMO

Este artigo examina a linguagem profética de Amós a partir da hipótese de que determinados oráculos apresentam o julgamento como uma realidade já estabelecida pela própria enunciação. Com base na teoria dos atos de fala de J. L. Austin e John Searle e no conceito de violência simbólica desenvolvido por Pierre Bourdieu, o estudo analisa como os oráculos atuam sobre expectativas coletivas, reivindicações de autoridade e formas de compreender a realidade. O corpus compreende quatro textos — Am 3,8; Am 5,18-20; Am 7,10-17 e Am 9,1-4 — selecionados por apresentarem diferentes manifestações desse processo. A análise mostra que recursos característicos da poesia hebraica, como paralelismos, progressões imagéticas e inversões lexicais, participam diretamente da construção dos efeitos produzidos pelos oráculos. Ao articular contribuições da filosofia da linguagem, da sociologia e dos estudos de poética hebraica, o artigo oferece uma leitura dos textos de Amós atenta às relações entre forma poética, autoridade discursiva e julgamento profético.

Palavras-chave: Amós; linguagem profética; atos de fala; violência simbólica; poesia hebraica; performatividade.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

ABSTRACT

This article examines the prophetic language of Amos based on the hypothesis that certain oracles present judgment as a reality already established through the very act of utterance. Drawing on the speech act theory of J. L. Austin and John Searle, as well as the concept of symbolic violence developed by Pierre Bourdieu, the study analyzes how the oracles shape collective expectations, claims to authority, and ways of understanding reality. The corpus comprises four texts—Amos 3:8; 5:18–20; 7:10–17; and 9:1–4—selected because they display different manifestations of this process. The analysis demonstrates that characteristic features of Hebrew poetry, such as parallelism, imagistic progression, and lexical inversion, directly contribute to the construction of the effects produced by the oracles. By bringing together insights from the philosophy of language, sociology, and studies of Hebrew poetics, the article offers a reading of the texts of Amos that highlights the relationship between poetic form, discursive authority, and prophetic judgment.

Keywords: Amos; prophetic language; speech acts; symbolic violence; Hebrew poetry; performativity.

RESUMEN

Este artículo examina el lenguaje profético de Amós a partir de la hipótesis de que determinados oráculos presentan el juicio como una realidad ya establecida por el propio acto de enunciación. Basándose en la teoría de los actos de habla de J. L. Austin y John Searle, así como en el concepto de violencia simbólica desarrollado por Pierre Bourdieu, el estudio analiza cómo los oráculos actúan sobre las expectativas colectivas, las reivindicaciones de autoridad y las formas de comprender la realidad. El corpus está compuesto por cuatro textos —Amós 3:8; 5:18–20; 7:10–17; y 9:1–4— seleccionados por presentar diferentes manifestaciones de este proceso. El análisis muestra que recursos característicos de la poesía hebrea, como los paralelismos, las progresiones imagéticas y las inversiones léxicas, participan directamente en la construcción de los efectos producidos por los oráculos. Al articular aportes de la filosofía del lenguaje, la sociología y los estudios de poética hebrea, el artículo ofrece una lectura de los textos de Amós atenta a las relaciones entre forma poética, autoridad discursiva y juicio profético.

Palabras clave: Amós; lenguaje profético; actos de habla; violencia simbólica; poesía hebrea; performatividad.

1 INTRODUÇÃO

Há oráculos no livro de Amós cuja linguagem ultrapassa a simples comunicação de uma mensagem e atua na construção da realidade apresentada

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

pelo texto. Em Am 3,8, o rugido do leão e a palavra de Yahweh aparecem associados a reações inevitáveis: quem ouve treme; quem recebe a palavra profetiza. Carroll observa que o centro do versículo não está na obrigação do profeta, mas na certeza do julgamento anunciado: "Trata-se de uma palavra certa e solene, pronunciada pelo soberano Yahweh"[1] (CARROLL, 2020, p. 369, tradução nossa). Em Am 5,18-20, a expectativa positiva em torno do Dia de Yahweh é substituída por imagens de escuridão e ameaça, movimento que Carroll descreve como uma "desconstrução da compreensão comum das tradições teológicas de Israel por meio de uma poderosa estratégia retórica"[2] (CARROLL, 2020, p. 112, tradução nossa). Em Am 7,17, a sentença dirigida a Amazias apresenta-se como decisão definitiva desde o momento de sua proclamação. Em Am 9,1-4, a sucessão de tentativas de fuga frustradas constrói um cenário em que nenhuma alternativa permanece disponível. Em todos esses textos, a linguagem profética produz efeitos que ultrapassam a transmissão de informações.

Este artigo examina esses oráculos a partir da hipótese de que a linguagem profética de Amós atua simultaneamente sobre a compreensão da realidade, sobre as formas de autoridade reconhecidas pelo texto e sobre as expectativas de seus destinatários. Landy, ao analisar a poesia de Amós, destaca sua capacidade de subversão e a tensão existente entre a sobriedade da visão profética e a densidade de sua linguagem (LANDY, 1987, p. 223). Partindo dessa observação, este estudo investiga de que maneira determinados recursos poéticos participam da construção dos efeitos produzidos pelos oráculos.

Para isso, a pesquisa recorre à teoria dos atos de fala de J. L. Austin (1990) e John Searle (1995), bem como ao conceito de violência simbólica desenvolvido por Pierre Bourdieu (2008). Essas contribuições fornecem instrumentos para descrever como os oráculos atuam, quais formas de autoridade mobilizam e de que maneira procuram influenciar a percepção da realidade. O

---

1 *"The issue is not finally the prophet's obligation to prophesy but rather the inevitability of the word of catastrophic judgment. It is a sure and solemn word spoken by the sovereign Yahweh."*

2 *"[...] deconstructs the common understanding of Israel's theological traditions through a powerful rhetorical strategy."*

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

objetivo não é atribuir aos autores bíblicos conceitos formulados pela teoria contemporânea da linguagem, mas utilizar essas ferramentas como instrumentos de análise capazes de tornar mais visíveis aspectos já presentes nos textos.

Esta investigação dialoga diretamente com o artigo anterior, no qual se demonstrou que a poesia hebraica desempenha papel central na construção da eficácia retórica dos oráculos de Amós (KLEMZ; PEDROSO, 2026). A presente pesquisa amplia essa discussão ao examinar a relação entre forma poética e ação linguística. A hipótese desenvolvida ao longo do artigo é que paralelismos, progressões imagéticas, inversões lexicais e outros recursos característicos da poesia hebraica contribuem para intensificar os efeitos produzidos pelos oráculos sobre expectativas coletivas, identidades sociais e estruturas de autoridade. Nesse sentido, a observação de Brueggemann (2025, p. 3-4) de que a profecia oferece uma alternativa crítica à consciência dominante fornece um importante horizonte interpretativo para a análise.

O corpus compreende quatro textos: Am 3,8; Am 5,18-20; Am 7,10-17; e Am 9,1-4. A seleção segue uma progressão temática e argumentativa. O primeiro texto apresenta a palavra profética como força inevitável; o segundo questiona uma expectativa central da tradição israelita; o terceiro coloca em confronto diferentes reivindicações de autoridade; e o quarto amplia o alcance do julgamento até os limites da cosmologia do texto. Cada passagem desenvolve aspectos que reaparecem e ganham novas dimensões nas análises seguintes.

O artigo está organizado em cinco partes. A próxima seção apresenta o referencial teórico, discutindo a teoria dos atos de fala, o conceito de violência simbólica e sua relevância para o estudo da profecia hebraica. Em seguida, os quatro oráculos são examinados individualmente. As considerações finais retomam os principais resultados da pesquisa e indicam possíveis contribuições para os estudos da poesia hebraica e da literatura profética.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

2 LINGUAGEM QUE AGE: ATOS DE FALA E VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Este artigo parte de uma pergunta sobre o funcionamento da linguagem profética em Amós. Mais do que identificar o conteúdo dos oráculos, interessa compreender os efeitos que produzem. Essa perspectiva remete a uma das mudanças mais importantes da filosofia da linguagem no século XX. Ao argumentar que determinados enunciados realizam ações por meio de sua própria enunciação, J. L. Austin deslocou a atenção do significado das palavras para aquilo que se faz com elas. A questão que orienta esta pesquisa é em que medida essa abordagem contribui para compreender o funcionamento dos oráculos de Amós.

2.1 AUSTIN E SEARLE: A LINGUAGEM COMO AÇÃO

Em sua distinção inicial entre enunciados constatativos e performativos, Austin questiona a ideia de que a principal função da linguagem consiste em descrever estados de coisas possíveis de avaliação como verdadeiros ou falsos. Segundo ele, a tradição filosófica havia assumido que uma declaração servia apenas para "[...] descrever um estado de coisas, ou declarar um fato, o que deveria fazer de modo verdadeiro ou falso" (AUSTIN, 1990, p. 21). Contra essa compreensão, Austin identifica enunciados cuja função está ligada à realização de uma ação. Quando alguém diz "Batizo este navio com o nome de Rainha Elizabeth" nas circunstâncias apropriadas, o ato de nomeação é realizado pela própria enunciação. O mesmo ocorre com o "Aceito" pronunciado durante uma cerimônia de casamento. Esses enunciados não são avaliados em termos de verdade ou falsidade, mas de sucesso ou fracasso, de acordo com as condições necessárias para sua realização, denominadas por Austin de "condições de felicidade" (AUSTIN, 1990, p. 29-30).

O aprofundamento dessa reflexão leva Austin a distinguir três dimensões presentes em todo ato de fala. O ato locucionário corresponde à produção de um enunciado dotado de sentido e referência. O ato ilocucionário refere-se à ação

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

realizada ao falar, como prometer, ordenar, advertir ou sentenciar. O ato perlocucionário diz respeito aos efeitos produzidos sobre os ouvintes por causa da enunciação (AUSTIN, 1990, p. 88-89). Entre essas dimensões, a ilocucionária ocupa lugar central para a presente pesquisa, pois permite examinar como determinados enunciados atuam sobre seus destinatários. Em sua classificação final, Austin inclui categorias como os exercitivos, relacionados ao exercício de autoridade, influência ou poder, e os veriditivos, associados à emissão de juízos e avaliações (AUSTIN, 1990, p. 123-124). Ambas apresentam especial relevância para a análise da linguagem profética.

Searle retoma a proposta de Austin e procura sistematizar as diferentes classes de atos ilocucionários. Em sua análise, uma distinção importante diz respeito à relação entre palavras e mundo. Alguns atos procuram ajustar as palavras à realidade, como ocorre nas asserções; outros procuram produzir mudanças na realidade por meio das palavras, como pedidos e promessas (SEARLE, 1995, p. 4-7). Entre essas categorias, Searle identifica uma classe específica denominada declarações. Nesses casos, a realização bem-sucedida do ato produz a mudança que o próprio enunciado anuncia. Como afirma o autor: “No caso das declarações, porém, descobrimos uma relação muito peculiar. A realização de uma declaração produz um ajuste precisamente por ser uma realização bem-sucedida” (SEARLE, 1995, p. 28). Assim, declarar guerra institui um estado de guerra; celebrar validamente um casamento altera o estado civil dos participantes (SEARLE, 1995, p. 26).

Para Searle, entretanto, a eficácia das declarações depende de condições institucionais específicas. Em geral, elas requerem “[...] uma instituição extralinguística, um sistema de regras constitutivas que se acrescentam às regras constitutivas da linguagem”, além de posições reconhecidas para os participantes envolvidos (SEARLE, 1995, p. 28-29). É a existência de instituições como tribunais, igrejas ou governos que torna possível absolver, excomungar, nomear autoridades ou declarar guerra. A questão da autoridade necessária para que determinadas

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

palavras produzam efeitos efetivos aproxima a teoria dos atos de fala do problema sociológico do poder e prepara o diálogo com Bourdieu.

Austin e Searle oferecem, neste estudo, instrumentos para descrever o funcionamento da linguagem profética. Os oráculos de Amós não correspondem às declarações no sentido técnico definido por Searle, pois a profecia hebraica não pressupõe o mesmo conjunto de convenções institucionais associado a contextos como tribunais, parlamentos ou cerimônias oficiais. Ainda assim, as distinções propostas por Austin entre o conteúdo de um enunciado, a ação realizada ao pronunciá-lo e os efeitos produzidos sobre seus destinatários fornecem um vocabulário útil para a análise dos textos. Em particular, as dimensões ilocucionária e perlocucionária permitem examinar como os oráculos advertem, acusam, proclamam ou anunciam julgamento, bem como os efeitos que procuram produzir em seus ouvintes. A discussão sobre a autoridade desses enunciados e sobre as condições sociais que sustentam sua eficácia exige, porém, um referencial complementar. É nesse ponto que a contribuição de Bourdieu se torna relevante para a interpretação do corpus.[3]

2.2 BOURDIEU: AS CONDIÇÕES SOCIAIS QUE TORNAM A LINGUAGEM EFICAZ E O CONCEITO DE VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

A leitura de Pierre Bourdieu amplia a discussão sobre os atos de fala ao deslocar a atenção da linguagem para as condições sociais que tornam determinados enunciados eficazes. Segundo o autor,

> a pesquisa de Austin a respeito dos enunciados performativos não pode se completar nos limites da linguística. A eficácia mágica desses atos de instituição é inseparável da existência de uma instituição capaz de definir as condições (em matéria de agente, lugar ou de momento etc.) a serem cumpridas para que a magia das palavras possa operar (BOURDIEU, 2008, p. 60).

[3] O uso de categorias pragmáticas na análise da linguagem profética hebraica possui precedentes na pesquisa bíblica. Estudos como os de Carroll (2020) e Petersen (1981) reconhecem aspectos performativos dos oráculos proféticos, embora não recorram de modo sistemático ao aparato conceitual desenvolvido por Austin e Searle. Neste contexto, o presente artigo aproxima a teoria dos atos de fala, o conceito de violência simbólica e os estudos de poética hebraica em uma mesma proposta analítica, buscando compreender como esses elementos se articulam no funcionamento dos oráculos de Amós.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

Nessa perspectiva, as condições de felicidade descritas por Austin correspondem também a condições sociais. Quem batiza um navio precisa ser reconhecido como alguém autorizado a fazê-lo; quem emite uma ordem depende do reconhecimento de sua autoridade pelos destinatários. A eficácia do enunciado está ligada às relações sociais que lhe conferem legitimidade.

A partir dessa discussão, Bourdieu desenvolve sua teoria do poder simbólico. Em sua definição, trata-se de "[...] esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem" (BOURDIEU, 2011, p. 7-8). O exercício desse poder não depende da força física, mas da aceitação de determinadas classificações, valores e formas de autoridade. Os sistemas simbólicos funcionam como "[...] instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação" e reforçam as relações de poder que lhes dão sustentação (BOURDIEU, 2011, p. 11). Nesse contexto, atos como bênçãos, maldições, sentenças e outras formas de nomeação podem ser compreendidos como "[...] profecias que pretendem produzir sua própria verificação" (BOURDIEU, 2008, p. 62). O reconhecimento social de quem fala e a força de suas palavras aparecem, portanto, estreitamente relacionados.

Essas observações oferecem uma perspectiva útil para a análise da profecia de Amós. O profeta não ocupa funções sacerdotais nem pertence à corte real. Sua autoridade é apresentada pelo texto como decorrente do chamado de Yahweh, descrito em Am 3,8 como uma exigência impossível de ignorar. Os oráculos analisados reivindicam autoridade e legitimidade mesmo quando entram em conflito com instituições religiosas e políticas estabelecidas. A controvérsia entre Amós e Amazias em Am 7,10-17 exemplifica claramente essa situação. A discussão não envolve apenas o conteúdo da mensagem profética, mas também a questão de quem possui autoridade para falar em nome de Yahweh.

Nesta pesquisa, o conceito de violência simbólica é operacionalizado por meio de três critérios analíticos aplicados aos oráculos do corpus. O primeiro é a irreversibilidade enunciativa, observada quando o texto apresenta uma sentença,

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

uma destituição ou uma inversão como realidade definitiva. O segundo é a subversão da identidade coletiva, identificada quando o oráculo atinge crenças, expectativas ou formas de identidade centrais para seus destinatários. O terceiro é o confronto entre autoridades concorrentes, presente quando a palavra profética desafia formas estabelecidas de legitimidade ao reivindicar uma fonte distinta de autoridade. Esses critérios frequentemente aparecem combinados. A interação entre eles permite avaliar a intensidade com que determinados oráculos procuram redefinir a percepção da realidade, das identidades coletivas e das relações de poder.

A utilização do conceito de violência simbólica neste estudo exige uma delimitação. Em Bourdieu, a violência simbólica pressupõe o reconhecimento da legitimidade da ordem que produz a dominação. Sua eficácia depende, em alguma medida, da adesão daqueles sobre os quais ela atua. Nos oráculos de Amós, essa condição nem sempre está presente. Amazias rejeita a mensagem profética, o rei permanece indiferente e Israel é retratado como resistente ao julgamento anunciado. Por essa razão, o conceito é empregado aqui como categoria analítica voltada à descrição dos procedimentos presentes nos oráculos. O foco recai sobre os recursos pelos quais esses textos procuram intervir em crenças, expectativas e formas de autoridade, independentemente da resposta efetiva de seus destinatários. A análise concentra-se, portanto, nas características linguísticas e retóricas que tornam possível esse tipo de intervenção. Os três critérios operacionais propostos descrevem a configuração dessa ação simbólica nos textos, sem pressupor sua realização histórica ou sua aceitação pelos ouvintes originais.

2.3 OPERACIONALIZAÇÃO: O QUE A TEORIA TORNA LEGÍVEL

A utilização de Austin, Searle e Bourdieu na análise da profecia hebraica requer um esclarecimento metodológico. O objetivo desta pesquisa não é atribuir aos textos de Amós conceitos formulados pela filosofia contemporânea da linguagem nem sugerir que a teoria dos atos de fala seja suficiente para explicar a

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

profecia hebraica. Essas contribuições são empregadas como instrumentos de análise para descrever com maior precisão aspectos observáveis nos próprios textos. A teoria oferece uma forma capaz de apontar processos que já se encontram presentes nos oráculos.

Essa perspectiva aproxima-se da proposta de Couey e James para a leitura da poesia bíblica. Segundo os autores, a interpretação deve considerar não apenas o significado dos textos, mas também os modos pelos quais esse significado é construído, uma vez que forma e conteúdo permanecem inseparáveis (COUEY; JAMES, 2018, p. 1-2). Aplicada aos oráculos de Amós, essa premissa implica que seus efeitos dependem diretamente da maneira como os textos são estruturados.

A distinção entre a função analítica de uma categoria e sua origem histórica é particularmente importante. Afirmar que Am 3,8 apresenta características semelhantes às de uma declaração, como discutido por Searle, não significa supor que o profeta tenha elaborado conscientemente um ato ilocucionário segundo categorias modernas. Significa reconhecer que determinados aspectos do texto encontram uma descrição adequada nesse vocabulário teórico. A combinação entre paralelismo, dupla negativa e ausência de condicionais constrói um anúncio apresentado como inevitável. Nesse contexto, a categoria de declaração auxilia a descrever um efeito produzido pelo texto.

Alter oferece uma observação semelhante ao analisar a poesia profética como forma de discurso dirigida a públicos historicamente concretos. Entre seus procedimentos recorrentes, ele destaca aquilo que denomina *"a rhetoric of entrapment"* (uma retórica de armadilha, numa tradução livre), uma construção textual que conduz o ouvinte ao reconhecimento de sua própria situação antes que possa recusá-la (ALTER, 2011, p. 180). Essa dinâmica pode ser compreendida, em termos objetivos, como expressão da força ilocucionária dos oráculos, isto é, de sua capacidade de afirmar, advertir, acusar ou pronunciar juízo.

Nesse contexto, a forma poética participa diretamente da produção desses efeitos. Como demonstrado no artigo anterior desta série, a poesia hebraica

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

organiza a comunicação dos oráculos por meio de paralelismos, imagens condensadas e estruturas que concentram tensão e significado em poucas palavras (KLEMZ; PEDROSO, 2026). A presente análise procura mostrar que esses recursos também contribuem para intensificar a atuação dos enunciados. O paralelismo reforça a percepção de inevitabilidade, as imagens ampliam o alcance simbólico da mensagem e a ausência de alternativas explícitas restringe as possibilidades de resposta oferecidas ao destinatário. Brueggemann descreve a profecia como a capacidade de evocar "uma consciência e uma percepção alternativas à consciência e percepção da cultura dominante" (BRUEGGEMANN, 2025, p. 56). Essa observação ajuda a compreender a relação entre forma poética e ação linguística nos oráculos de Amós. A maneira como o texto é construído participa diretamente dos efeitos que ele procura produzir sobre seus ouvintes e leitores.

3 AM 3,8: A PALAVRA QUE NÃO PODE SER RETIDA

Am 3,8 ocupa posição estratégica no livro. O versículo não anuncia diretamente o conteúdo do julgamento, mas apresenta sua certeza. A sequência de Am 3,3-8 — composta por sete perguntas retóricas seguidas de um par conclusivo — forma uma das construções literárias mais elaboradas do livro. Sua organização interna é fundamental para compreender os efeitos produzidos pelo texto.

Carroll observa que a passagem foi construída com grande cuidado formal. "Os versículos 3-5 apresentam cinco perguntas introduzidas pela partícula interrogativa *hă*, enquanto o versículo 6 acrescenta mais duas perguntas iniciadas por *ʾim* ("se"), totalizando sete questões"[4] (CARROLL, 2020, p. 353, tradução nossa). A sequência desenvolve-se de forma progressiva. As primeiras imagens envolvem situações aparentemente comuns: dois caminhantes, um leão e sua presa, um pássaro e uma armadilha. No versículo 6, o cenário torna-se explicitamente ameaçador com a trombeta que anuncia o perigo e o desastre associado à ação de Yahweh. O versículo 7 estabelece a transição para o

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

desfecho, e o versículo 8 funciona como clímax da série. Diferentemente das perguntas anteriores, suas duas linhas apresentam afirmações seguidas de perguntas retóricas, recurso que Carroll, citando Mittmann, descreve como uma "intensificação retórica eficaz"[5] (CARROLL, 2020, p. 367, tradução nossa). Alter observa que muitos poemas proféticos de Amós se desenvolvem por meio de um aumento gradual de intensidade ou de um estreitamento progressivo do foco narrativo (ALTER, 1985, p. 88-89). A construção de Am 3,3-8 exemplifica esse procedimento ao conduzir o leitor, passo a passo, até a conclusão do versículo 8.

A passagem costuma ser interpretada como uma sequência de causa e efeito: assim como o rugido do leão provoca temor, a palavra de Yahweh produz profecia. Nessa leitura, o versículo serviria principalmente para justificar a vocação de Amós. Carroll propõe outra interpretação. Segundo o autor, o profeta Amós é deliberadamente apagado do versículo 8: o "quem" da segunda linha não é identificado como Amós, e ao longo de toda a sequência 3,1-8 o que se destaca é a palavra de Yahweh, não a persona do profeta[6] (CARROLL, 2020, p. 369, tradução nossa). Por isso, a questão central da passagem não é a obrigação individual do profeta, mas a certeza do julgamento anunciado. Como afirma Carroll, "não é, afinal, a obrigação do profeta de profetizar, mas a inevitabilidade da palavra do julgamento catastrófico. É uma palavra certa e solene pronunciada pelo soberano Yahweh"[7] (CARROLL, 2020, p. 369, tradução nossa).

Essa interpretação orienta a leitura proposta neste artigo. O foco do versículo recai sobre a força da palavra divina e sobre a certeza de seus efeitos. O versículo aproxima deliberadamente o rugido do leão e a palavra de Yahweh por meio de um paralelismo rigoroso: *ʾaryēh šāʾāg* / *mî lōʾ yîrāʾ* ("o leão rugiu / quem não temerá?") e *ʾădōnāy yhwh dibbēr* / *mî lōʾ yinnābēʾ* ("o Senhor Yahweh falou /

---

4 *"Verses 3–5 present a series of five rhetorical questions that all begin with the interrogatory particle hă; v. 6 adds two more questions, which are prefaced by ʾim (if), for a total of seven."*
5 *"This change in structure yields what Mittmann calls 'an effective rhetorical intensification'."*
6 *"Literarily, the text actually minimizes the prophet Amos's persona and instead foregrounds the prophetic word."*
7 *"The issue is not finally the prophet's obligation to prophesy but rather the inevitability of the word of catastrophic judgment. It is a sure and solemn word spoken by the sovereign Yahweh."*

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

quem não profetizará?"). A repetição da fórmula *mî lō'*, a simetria das duas linhas e a associação entre ação e resposta conduzem o leitor à percepção de que temor e profecia decorrem inevitavelmente de suas respectivas causas. A construção das perguntas não abre espaço para alternativas e reforça a certeza expressa pelo oráculo. A estrutura do texto conduz o leitor à percepção de que não há espaço para outra resposta possível. Em termos austinianos, o versículo 8 apresenta características próximas aos atos veriditivos, pois estabelece um juízo sobre a relação entre o rugido do leão e o temor, bem como entre a palavra de Yahweh e a profecia. A passagem conduz o ouvinte a reconhecer essas reações como necessárias dentro da lógica do texto. O paralelismo entre as duas linhas, a dupla negativa e a ausência de alternativas explícitas reforçam essa percepção. A inevitabilidade anunciada pelo oráculo resulta tanto de seu conteúdo quanto da forma pela qual é construída.

O primeiro critério analítico definido anteriormente — a irreversibilidade enunciativa — aparece com clareza nesse versículo. A construção do oráculo apresenta o anúncio divino como realidade certa desde o momento de sua proclamação. O segundo critério, relacionado à identidade coletiva, também se torna visível quando a passagem é lida à luz do versículo 2. Ali, Israel é identificado como o povo conhecido por Yahweh entre todas as nações da terra, condição que fundamenta precisamente o anúncio do julgamento: "Só a vós eu conheci, entre todas as famílias da terra; por isso pedirei conta a vós de todas as vossas iniquidades"[8] (BÍBLIA, Am 3,2). A série de perguntas desenvolvida em Am 3,3-8 prolonga essa lógica. O povo que se compreendia a partir de sua relação privilegiada com Yahweh é apresentado como destinatário inevitável de sua acusação.

Landy chama atenção para outro aspecto importante da passagem. Em sua leitura da poesia de Amós, ele destaca a capacidade dos textos de manter abertas múltiplas possibilidades de sentido mesmo quando conduzem o leitor a uma

[8] Todas as citações bíblicas deste artigo seguem a **Bíblia TEB: Tradução Ecumênica da Bíblia** (São Paulo: Edições Loyola, 2020).

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

conclusão específica. Em Am 3,8, a transição entre o rugido do leão e a palavra de Yahweh produz mais do que uma simples relação de equivalência. Segundo Landy, o paralelismo intensifica a experiência de temor associada ao chamado profético, sugerindo que a profecia emerge da confrontação com a palavra divina (LANDY, 1987, p. 240). As imagens da série — o caminhante, o leão, o pássaro e a armadilha — adiam a conclusão e mantêm a tensão interpretativa até o desfecho do versículo 8 (LANDY, 1987, p. 223-224). A progressão das imagens contribui para construir a percepção de inevitabilidade que caracteriza o encerramento da passagem.

O terceiro critério analítico, referente à disputa por autoridade, aparece de forma menos explícita, mas já está presente no texto. A autoridade evocada pelo oráculo não é associada ao sacerdócio, à corte ou a qualquer outra posição institucional reconhecida em Israel. O versículo fundamenta sua legitimidade na palavra de Yahweh e apresenta essa palavra como irresistível. Carroll observa que a diminuição da figura do profeta reforça esse efeito: a atenção permanece concentrada na palavra divina e não em quem a pronuncia (CARROLL, 2020, p. 369). Dessa forma, Am 3,8 antecipa uma questão que se tornará central em Am 7,10-17: a origem da autoridade que sustenta a proclamação profética. Ali o conflito aparecerá de maneira explícita no confronto entre Amós e Amazias; aqui ele já se encontra implícito na própria estrutura do oráculo.

4 AM 5,18-20: A SUBVERSÃO DO IMAGINÁRIO COLETIVO

O oráculo de Am 5,18-20 desenvolve um movimento mais complexo do que aquele observado em Am 3,8. Além de apresentar o julgamento como inevitável, ele transforma uma expectativa de salvação em anúncio de desastre. O *hôy* que abre o versículo 18 é uma interjeição de lamentação, e sua proximidade sonora com o *hô-hô* de Am 5,16 — o pranto que ecoa pelas ruas — já antecipa a inversão que estrutura a passagem. Aquilo que Israel espera com entusiasmo aparece, desde a abertura do oráculo, associado ao luto. A pergunta seguinte — “Para que serviria? Que será para vós o dia do Senhor?” (BÍBLIA, Am 5,18b) — não

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

desempenha a mesma função das perguntas acumulativas de Am 3,8. Seu efeito é expor a distância entre as expectativas do povo e o significado que o profeta atribui ao Dia de Yahweh. Alter observa que o anúncio do desastre constitui um dos procedimentos centrais da poesia profética e que o ritmo do verso hebraico contribui para transmitir a sensação de um processo inevitável (ALTER, 1985, p. 176).

A expectativa confrontada pelo oráculo ocupava posição central na imaginação religiosa de Israel. Carroll observa que o Dia de Yahweh estava associado à ideia de uma manifestação poderosa de Deus em favor da nação, capaz de derrotar seus inimigos. As vitórias alcançadas durante o reinado de Jeroboão II fortaleceram essa convicção, que "parece ter sido parte do imaginário nacional convencional ou do imaginário social"[9] da época (CARROLL, 2020, p. 119, tradução nossa). Segundo Carroll, o profeta dirige sua crítica precisamente a essa compreensão do Dia de Yahweh como evento de triunfo nacional (CARROLL, 2020, p. 502). O texto não responde a essa expectativa por meio de argumentação direta; ele a substitui por uma sequência de imagens que a tornam insustentável.

A imagem do versículo 19 desempenha papel decisivo nesse processo. Um homem escapa de um leão e encontra um urso; entra em casa, apoia a mão na parede e é mordido por uma serpente. Carroll ressalta que a passagem deve ser lida como uma única sequência narrativa, e não como episódios independentes. Nenhum dos espaços percorridos oferece proteção efetiva, nem mesmo a casa, último refúgio imaginável (CARROLL, 2020, p. 492). A progressão conduz o leitor de um perigo conhecido a outro ainda mais inesperado. Cada tentativa de escapar conduz a uma nova ameaça. O resultado é a construção de um cenário em que nenhuma saída permanece disponível. A economia das imagens, a progressão contínua e o desfecho com a serpente contribuem para reforçar essa percepção. Berlin observa que a força do paralelismo decorre da combinação entre equivalência estrutural e contraste semântico (BERLIN, 1985, p. 96). A sequência

[9] *"The description in the text suggests that it was part of the conventional national worldview or social imaginary."*

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

leão–urso–serpente segue esse princípio ao apresentar imagens formalmente semelhantes que ampliam progressivamente a sensação de vulnerabilidade.

O versículo 20 retoma a linguagem do versículo 18 e encerra a passagem por meio da repetição de “trevas e não luz”, acrescida da expressão “escuridão, sem claridade alguma”. A inversão anunciada no início do oráculo alcança aqui sua formulação mais intensa. O acréscimo de novas referências à ausência de luz reforça o contraste entre luz e trevas e amplia o efeito produzido pela passagem (CARROLL, 2020, p. 493). Em relação ao primeiro critério analítico — a irreversibilidade enunciativa —, Am 5,18-20 desenvolve de forma particularmente intensa a ideia de que o julgamento não pode ser evitado. A sucessão de imagens elimina uma alternativa após outra, incluindo a esperança depositada no próprio Dia de Yahweh.

O segundo critério, relacionado à identidade coletiva, assume papel central nessa passagem. Am 5,18-20 questiona uma convicção fundamental da identidade teológico-política de Israel: a expectativa de que Yahweh agiria em favor da nação e garantiria sua proteção. Embora Heschel trate especificamente da percepção profética da injustiça social, sua reflexão contribui para compreender a lógica do texto. Segundo ele, a injustiça assume proporções cósmicas (HESCHEL, 2001, p. 4). A linguagem empregada pelos profetas corresponde à dimensão que atribuem à crise denunciada. Em Am 5,18-20, essa ampliação não está voltada para pecados individuais, mas para uma compreensão coletiva da relação entre Israel e Yahweh. O povo que esperava caminhar em direção à luz descobre que seu caminho conduz às trevas. A razão dessa inversão está no desencontro entre a imagem de Yahweh criada pelo imaginário coletivo e a representação apresentada pelo profeta.

Carroll resume esse movimento ao afirmar que “O profeta contesta e desconstrói a compreensão comum das tradições teológicas de Israel por meio de

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

uma poderosa estratégia retórica"[10] (CARROLL, 2020, p. 112, tradução nossa). Em termos bourdieusianos, o texto atinge crenças e expectativas que sustentavam a visão de mundo predominante. Ao apresentar o Dia de Yahweh como dia de trevas, o oráculo coloca em questão uma das bases da identidade coletiva israelita. Brueggemann observa que a profecia atua na deslegitimação da ordem vigente ao desafiar a consciência que a sustenta (BRUEGGEMANN, 2025, p. 56). Em Am 5,18-20, esse efeito é produzido pela progressão das imagens poéticas, que conduzem o leitor ao abandono gradual da esperança associada ao Dia de Yahweh.

5 AM 7,10-17: O CONFRONTO DE AUTORIDADES SIMBÓLICAS

Am 7,10-17 é o único texto narrativo do livro de Amós, e o único ponto do corpus em que os três critérios operacionais de violência simbólica operam simultaneamente com máxima intensidade. É também o texto em que a questão da autoridade profética se torna explícita. O que em Am 3,8 havia sido apresentado como obrigação do chamado divino e em Am 5,18-20 como crítica às expectativas religiosas de Israel assume aqui a forma de um confronto direto entre duas fontes distintas de autoridade.

A narrativa desenvolve-se em dois movimentos. No primeiro (vv. 10-13), Amazias denuncia Amós ao rei Jeroboão II e ordena que o profeta retorne a Judá. No segundo (vv. 14-17), Amós responde à tentativa de expulsão com uma declaração sobre sua origem e seu chamado, seguida de uma sentença composta por cinco cláusulas dirigidas a Amazias. Carroll identifica com precisão a função do episódio na estrutura do livro: "[...] esta confrontação torna mais vívida a acusação contra a monarquia e seu construto religioso, e é um testemunho de como os

[10] *"The prophet contests and deconstructs the common understanding of Israel's theological traditions through a powerful rhetorical strategy."*

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

líderes religiosos, e provavelmente a nação, recusaram-se a ouvir a verdadeira voz de Deus"[11] (CARROLL, 2020, p. 671, tradução nossa).

O primeiro movimento revela a natureza dupla da autoridade de Amazias. Como sacerdote do santuário real de Betel e representante do rei, ele reúne em sua pessoa as esferas religiosa e política. Ao encaminhar sua denúncia a Jeroboão, ele apresenta a atividade de Amós em termos estritamente políticos: "Amós conspira contra ti em plena casa de Israel" (BÍBLIA, Am 7,10b). Carroll observa que o verbo hebraico *qšr* ("conspirar") aparece também no relato do golpe de Estado de Jeú contra Jorão, episódio que deu origem à dinastia de Jeroboão (CARROLL, 2020, p. 675). A escolha do vocábulo não é casual. Amazias apresenta a palavra profética como ameaça política e omite sua reivindicação de origem divina. Como observa Carroll, "Amazias não conecta a mensagem do profeta com Yahweh"[12] (CARROLL, 2020, p. 674, tradução nossa), atribuindo-a exclusivamente a Amós, como se expressasse apenas suas convicções pessoais. Schwantes observa que o anúncio da morte do rei e da deportação das elites impede a assimilação dos profetas radicais ao culto oficial, pois sua mensagem entra em conflito com as instituições que sustentam o reinado (SCHWANTES, 1982, p. 118).

Essa tentativa de reduzir a palavra profética à opinião de um agitador estrangeiro também pode ser compreendida a partir da análise de Petersen sobre as funções proféticas. Amazias chama Amós de *ḥōzeh* ("vidente"), título associado à tradição profética judaíta, e o orienta a exercer sua atividade em Judá, lugar ao qual supostamente pertenceria. Petersen interpreta a cena como um confronto entre diferentes concepções de atividade profética. Ao empregar o título *ḥōzeh*, "Amazias parece estar dizendo: 'Vá embora para o Sul, profeta sulista, você não tem lugar aqui no Norte, especialmente não no santuário real do reino do Norte,

[11] *"This confrontation makes more vivid the indictment of the monarchy and its religious construct and is a testimony to how religious leaders, and probably the nation, refused to listen to the true voice of God."*
[12] *"It is no coincidence that Amaziah does not connect the prophet's message with Yahweh."*

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

pois um *ḥōzeh* deve atuar em Judá'"[13] (PETERSEN, 1981, p. 56, tradução nossa). A expulsão também estabelece fronteiras simbólicas: Amazias procura restringir a atuação profética aos espaços institucionais e geográficos em que ela poderia ser controlada.

A resposta de Amós nos versículos 14-15 constitui uma das passagens mais significativas do livro: "Eu não era profeta (*nābîʾ*), nem filho de profeta; era vaqueiro, cultivava sicômoros; mas o Senhor me tomou de detrás do gado e o Senhor me disse: Vai! Profetiza a Israel, meu povo" (BÍBLIA, Am 7,14-15). Carroll observa que os três pronomes "eu" (*ʾānōkî*) que introduzem a resposta possuem caráter enfático e expressam a rejeição da identidade que Amazias lhe atribui. Além disso, "o profeta não apela a nenhuma outra fundação ou patrocínio senão ao próprio Yahweh"[14] (CARROLL, 2020, p. 680, tradução nossa). A estrutura da resposta é clara. Primeiro, Amós rejeita qualquer vínculo com os grupos proféticos institucionalizados. Em seguida, apresenta outra origem para sua autoridade: o chamado recebido diretamente de Yahweh enquanto cuidava do rebanho.

Nos termos de Bourdieu, Amós reivindica uma autoridade cuja legitimidade não depende de instituições reconhecidas. Segundo ele, "a eficácia mágica" dos atos de instituição "é inseparável da existência de uma instituição capaz de definir as condições a serem cumpridas para que a magia das palavras possa operar" (BOURDIEU, 2008, p. 60). Amazias representa precisamente essa lógica, pois sua autoridade deriva da posição ocupada no templo e de sua proximidade ao rei. A resposta de Amós não procura refutar essa estrutura institucional. Ela afirma uma fonte distinta de legitimidade: o chamado recebido diretamente de Yahweh. O terceiro critério operacional — o confronto de autoridades simbólicas — aparece aqui de forma particularmente clara. Duas reivindicações de autoridade são colocadas frente a frente, e a sentença que segue orienta o leitor quanto à validade de cada uma delas.

---

[13] *"Amaziah seems to be saying, 'Go away to the South, you southern prophet, you do not belong here in the North, especially not at the royal shrine of the northern kingdom, since a hōzeh is to be active in Judah.'"*

[14] *"Amos appeals to no other foundation or patronage than Yahweh himself."*

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

O versículo 17 apresenta a sentença. Após a fórmula introdutória “Assim fala o Senhor”, cinco cláusulas dirigem-se a Amazias de forma categórica: “Tua esposa será prostituta na cidade; teus filhos e filhas cairão pela espada; tua terra será repartida a cordel, e tu morrerás em terra impura; e Israel será deportado para longe de sua terra” (BÍBLIA, Am 7,17).

Carroll interpreta cada elemento da sentença à luz das consequências da derrota militar: a humilhação pública da esposa, a morte dos filhos, a perda da terra, o exílio e a morte em território estrangeiro. Segundo o autor, “as implicações detalhadas do julgamento refletem o rescaldo da derrota militar em guerra”[15] (CARROLL, 2020, p. 686, tradução nossa). Em relação ao primeiro critério operacional — a irreversibilidade enunciativa —, Am 7,17 constitui o exemplo mais evidente do corpus. As cinco cláusulas são formuladas no futuro e apresentadas como acontecimentos certos. O oráculo assume a forma de uma realidade já estabelecida desde o momento de sua proclamação. A sentença é pronunciada imediatamente após a tentativa de silenciamento do profeta. Amazias ordenara que Amós deixasse de profetizar; a resposta é um anúncio de julgamento dirigido ao próprio sacerdote e pronunciado em nome de Yahweh. Alter observa que a poesia profética costuma ser introduzida por fórmulas como “assim diz o Senhor”, sendo apresentada formalmente como discurso divino (ALTER, 1985, p. 175). Em Am 7,17, essa característica possui papel decisivo. A referência explícita a Yahweh, omitida por Amazias em sua denúncia ao rei, reaparece na abertura da sentença e confere às cláusulas subsequentes a autoridade da palavra divina. A categoria das declarações formulada por Searle fornece uma comparação útil para a leitura de Am 7,17. A expressão “Assim fala o Senhor” funciona como um marcador da autoridade do enunciado e orienta a leitura das cláusulas subsequentes como pronunciamentos atribuídos a Yahweh. O texto apresenta os acontecimentos anunciados como certos desde o ato de proclamação, e não como possibilidades condicionadas a desenvolvimentos futuros. Essa característica aproxima a

[15] *“The details of the judgment reflect the aftermath of military defeat in warfare.”*

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

sentença da lógica descrita por Searle para os atos declarativos e ajuda a caracterizar o modo de funcionamento do oráculo.

Em Am 7,10-17, os três critérios operacionais aparecem de forma articulada. A sentença é apresentada como definitiva (critério 1); a legitimidade de Amazias como representante da ordem estabelecida é colocada em questão (critério 2); e o confronto entre sacerdote e profeta expõe duas reivindicações concorrentes de autoridade (critério 3). Carroll resume adequadamente o sentido da narrativa ao afirmar que "A narrativa confirma que a ideologia de Israel deturpa Yahweh, pois a hierarquia do templo e sua lealdade ao rei são singularizadas para o julgamento"[16] (CARROLL, 2020, p. 671, tradução nossa). A forma poética da sentença — composta por cinco cláusulas paralelas, organizada em progressão da esfera doméstica para a nacional e encerrada com o anúncio do exílio de Israel — contribui para apresentar o julgamento como inevitável e sem possibilidade de reversão.

6 AM 9,1-4: A PERSEGUIÇÃO SEM SAÍDA

Am 9,1-4 constitui o ponto culminante do movimento desenvolvido ao longo do corpus. Se Am 3,8 apresentou o julgamento como inevitável, Am 5,18-20 desfez a esperança depositada no Dia de Yahweh e Am 7,10-17 expôs o conflito entre diferentes reivindicações de autoridade, Am 9,1-4 reúne esses elementos em uma única visão. Nela, Yahweh aparece junto ao altar de Betel, ordena a destruição do santuário e anuncia uma perseguição da qual não existe possibilidade de fuga.

A estrutura da visão merece atenção. Carroll observa que esta é a única das cinco visões em que não ocorre diálogo entre Yahweh e o profeta. A participação de Amós limita-se ao relato do que vê e ouve, enquanto a ação divina ocupa todo o primeiro plano (CARROLL, 2020, p. 735). A mudança é significativa. Nas duas primeiras visões, Amós intercede em favor de Israel; na terceira e na quarta, dialoga com Yahweh; na quinta, torna-se apenas testemunha da sentença.

[16] *"The narrative confirms that Israel's ideology misrepresents Yahweh, as the temple hierarchy and its allegiance to the king are singled out for judgment."*

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

O desaparecimento progressivo da mediação profética culmina em uma palavra divina pronunciada diretamente. A cena também retoma o cenário do capítulo anterior. O altar de Betel, associado ao confronto entre Amós e Amazias em Am 7,10-17, reaparece agora como alvo do próprio julgamento divino.

Os versículos 2-4 constituem o núcleo da visão, eles desenvolvem uma sequência de cinco períodos condicionais organizados segundo o mesmo esquema: *ʾim* + localização + ação divina + *šām* ("de lá"). O padrão repete-se com pequenas variações: "se forçarem a entrada do Sheol, minha mão os retirará de lá, se subirem ao céu, fá-los-ei descer;" (BÍBLIA, Am 9,2). Céus, Sheol, Carmelo, fundo do mar e exílio representam destinos sucessivos, e cada um deles é seguido por uma intervenção correspondente de Yahweh. A repetição da estrutura cria um movimento cumulativo que reduz progressivamente as possibilidades de fuga. Cada nova alternativa é apresentada apenas para ser descartada, até que nenhuma rota de escape permaneça aberta. Alter observa que a poesia de Amós frequentemente desenvolve uma progressão contínua de intensidade, conduzindo o leitor de um ponto inicial até sua consequência extrema, e identifica Am 9,1-4 como uma das expressões mais completas desse procedimento no livro (ALTER, 1985, p. 88-89). Carroll destaca que a passagem não pretende enfatizar a onipresença divina nos moldes do Salmo 139, mas algo mais preciso: "[...] mobilidade divina e potência universal"[17] (CARROLL, 2020, p. 743, tradução nossa), ou seja, a impossibilidade de escapar ao seu alcance. Yahweh não permanece passivamente nos diferentes espaços do cosmos; ele alcança os fugitivos onde quer que estejam.

Em relação ao primeiro critério operacional — a irreversibilidade enunciativa —, Am 9,1-4 apresenta a formulação mais abrangente do corpus. A impossibilidade de fuga é repetida em cinco cenários distintos, cobrindo direções opostas e esgotando sistematicamente todas as alternativas imagináveis. O efeito resulta da própria organização da sequência. Cada nova possibilidade é apresentada apenas para ser imediatamente anulada pela intervenção divina. Carroll observa que o exílio, frequentemente apresentado em Amós como

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

consequência do julgamento (Am 4,2-3; 5,27; 6,7; 7,17), surge aqui como tentativa de escapar dele. Nem mesmo essa alternativa permanece disponível: "Poderia o alvo teológico desta linha ser a noção do Oriente Próximo Antigo de que as divindades estavam especialmente ligadas às suas terras?"[18] (CARROLL, 2020, p. 745, tradução nossa). Nesse contexto, a visão afirma que a autoridade de Yahweh ultrapassa os limites da terra de Israel. A fuga para territórios estrangeiros não altera sua capacidade de agir.

O segundo critério operacional — a subversão da identidade coletiva — aparece aqui em continuidade com Am 5,18-20. Naquele texto, a expectativa de salvação associada ao Dia de Yahweh foi colocada em questão. Em Am 9,1-4, o alvo é a ideia de que existiria algum espaço fora do alcance divino. O Sheol ocupava posição singular na imaginação religiosa israelita, sendo frequentemente associado ao reino dos mortos e à interrupção do louvor a Deus (cf. Sl 6,6; Is 38,18). Como limite extremo da experiência humana, podia representar o local mais distante da esfera da vida. Am 9,2 fecha também essa saída: "minha mão os retirará de lá". A visão não deixa qualquer região do cosmos fora do alcance da ação divina.

A forma poética participa diretamente da construção desse efeito. A repetição das cinco cláusulas condicionais produz uma sequência cumulativa em que cada possibilidade descartada reforça a anterior. Os pares espaciais — Sheol e céus, Carmelo e fundo do mar — funcionam como merismos que abrangem a totalidade do universo concebido pelo texto. Trible observa que esse recurso retórico opera pela referência a extremos opostos, incluindo implicitamente tudo o que se encontra entre eles (TRIBLE, 1994, p. 141). A serpente marinha mencionada no versículo 3, associada por Carroll à imagem do caos primordial submetido ao domínio divino (CARROLL, 2020, p. 744), amplia ainda mais o alcance da visão ao incorporar forças tradicionalmente percebidas como hostis. O versículo 4 encerra a sequência com a declaração: "[...] cravarei meus olhos neles,

[17] *"[...] divine mobility and universal potency."*

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

para o mal, não para o bem" (BÍBLIA, Am 9,4b). A expressão retoma deliberadamente a linguagem de Am 5,14-15, onde Israel era exortado a buscar o bem. O uso do mesmo vocabulário produz um contraste significativo: os termos anteriormente associados à possibilidade de restauração passam a fazer parte do anúncio do julgamento. Dessa forma, a própria linguagem do livro conecta os diferentes textos e reforça o alcance da sentença anunciada.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo partiu da hipótese de que determinados oráculos de Amós não apenas comunicam uma interpretação da realidade, mas procuram produzi-la por meio da própria linguagem. A análise dos quatro textos selecionados mostrou que essa hipótese descreve de forma adequada procedimentos observáveis no corpus e oferece uma chave consistente para compreender o funcionamento da linguagem profética.

Os resultados revelaram um movimento progressivo. Em Am 3,8, a inevitabilidade do anúncio é construída pela forma do enunciado, especialmente pela combinação entre paralelismo, dupla negativa e ausência de condicionais. Em Am 5,18-20, o foco desloca-se para a desconstrução de uma expectativa central de Israel: a esperança de que o Dia de Yahweh representaria vitória e proteção para o povo. Em Am 7,10-17, a controvérsia entre Amós e Amazias reúne os três critérios operacionais propostos neste estudo: a sentença é apresentada como definitiva, a legitimidade da autoridade sacerdotal é questionada e o texto coloca em confronto duas fontes concorrentes de autoridade. Em Am 9,1-4, esse movimento alcança sua expressão mais abrangente. A sequência de tentativas de fuga frustradas percorre toda a cosmologia disponível ao texto e apresenta o julgamento como uma realidade da qual não existe saída possível.

A articulação entre Austin, Searle e Bourdieu mostrou-se produtiva porque ofereceu instrumentos para descrever diferentes dimensões do funcionamento dos

[18] *"Could the theological target of this line be the ancient Near Eastern notion that deities were tied especially to their lands and the people in those lands?"*

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

oráculos. A teoria dos atos de fala permitiu examinar como os enunciados atuam sobre seus destinatários. A noção de violência simbólica tornou possível situar esses efeitos no contexto das disputas por autoridade e legitimidade. Ao mesmo tempo, a análise da poética hebraica evidenciou que paralelismos, merismos, progressões e inversões lexicais participam ativamente da construção do sentido. Forma e conteúdo não aparecem como elementos independentes, mas como aspectos complementares de um mesmo processo textual. Nesse sentido, a proposta de Couey e James de considerar não apenas o significado dos textos, mas também seus modos de significar (COUEY; JAMES, 2018, p. 1-2), mostrou-se particularmente adequada para a leitura dos oráculos de Amós.

A análise também indica que a forma poética intensifica os efeitos produzidos pelos textos. O paralelismo reforça a percepção de inevitabilidade; a progressão das imagens conduz o leitor ao esgotamento das possibilidades de fuga; e as inversões lexicais reorganizam expectativas estabelecidas anteriormente. Esses recursos não atuam à margem da mensagem. Eles participam diretamente de sua construção. A observação de Brueggemann de que os profetas compreendiam o poder singular da linguagem para criar novas formas de perceber a realidade encontra confirmação nos textos examinados: “entendiam o poder único da linguagem — a capacidade de falarmos de maneiras que evocam o ‘novo em palavras’” e reconheciam que as realidades sociais surgem a partir de atos criativos de linguagem (BRUEGGEMANN, 2025, p. 49).

Os resultados desta pesquisa contribuem para os estudos da poética hebraica e da profecia bíblica em dois aspectos principais. Em primeiro lugar, demonstram que a aproximação entre filosofia da linguagem e sociologia do poder pode ser aplicada de modo produtivo aos textos proféticos do século VIII a.C. quando utilizada como instrumento descritivo e não como esquema explicativo imposto ao texto. Em segundo lugar, aprofundam os resultados alcançados no primeiro artigo desta série. Se naquele estudo foi demonstrado que a forma poética de Amós desempenha uma função retórica relevante, esta investigação procurou mostrar de que maneira essa função se realiza nos textos analisados. Os recursos

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

poéticos não apenas organizam a comunicação da mensagem profética; eles participam da construção de seus efeitos sobre expectativas coletivas, identidades sociais e estruturas de autoridade.

Alter observa que a poesia constitui uma forma particular de imaginar o mundo, com seus próprios modos de estabelecer relações e produzir implicações, e que essa característica se torna especialmente visível nos textos proféticos de julgamento (ALTER, 1985, p. 188-189). A análise de Am 3,8; 5,18-20; 7,10-17 e 9,1-4 confirma essa percepção. Nesses textos, a forma poética não funciona apenas como veículo da mensagem profética. Ela integra o próprio modo pelo qual o julgamento é anunciado, percebido e compreendido.

REFERÊNCIAS

ALTER, Robert. **The Art of Biblical Poetry**. New York: Basic Books, 1985.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**: palavras e ação. Tradução Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BERLIN, Adele. **The Dynamics of Biblical Parallelism**. Bloomington: Indiana University Press, 1985.

BÍBLIA. **Bíblia TEB**: Tradução Ecumênica da Bíblia. Nova edição. São Paulo: Edições Loyola, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BRUEGGEMANN, Walter. **A Imaginação Profética**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2025.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 20/04/2026 - **Accepted:** 21/05/2026
Vol: 13.10
DOI: 10.66104/nqmwra34
Pages: 1-27

CARROLL R., M. Daniel. **The Book of Amos**. Grand Rapids: Eerdmans, 2020. (The New International Commentary on the Old Testament).

COUEY, J. Blake; JAMES, Elaine T. **Biblical Poetry and the Art of Close Reading**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

HESCHEL, Abraham Joshua. **The Prophets**. New York: Harper Perennial Modern Classics, 2001.

LANDY, Francis. Vision and poetic speech in Amos. **Hebrew Annual Review**, Columbus, v. 11, p. 223-246, 1987.

KLEMZ, Charles; PEDROSO, Fabiano. ERA AMÓS UM POETA? A FUNÇÃO RETÓRICA DA POESIA HEBRAICA NOS ORÁCULOS DE AMÓS. **REMUNOM**, [S. l.], v. 13, n. 09, p. 1–21, 2026. DOI: 10.66104/v5amra83. Disponível em: https://remunom.ojsbr.com/multidisciplinar/article/view/6399. Acesso em: 13 maio. 2026.

PETERSEN, David L. **The Roles of Israel's Prophets**. Sheffield: JSOT Press, 1981. (Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series, 17).

SEARLE, John R. **Expressão e significado**: estudos da teoria dos atos da fala. Tradução Ana Cecília G. A. de Camargo e Ana Luiza Marcondes Garcia. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SCHWANTES, Milton. Profecia e Estado: uma proposta para a hermenêutica profética. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 22, p. 105-145, 1982. DOI: 10.22351/et.v22i2.1313. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1313. Acesso em: 11 fevereiro. 2025.

TRIBLE, Phyllis. **Rhetorical Criticism**: Context, Method, and the Book of Jonah. Minneapolis: Fortress Press, 1994.